

ESCRITA

Ano I N.º 11 1976 Cr\$ 12

Revista Mensal de Literatura



NOVOS
POETAS E
CONTISTAS

SETE
ANOS DE
PASQUIM

CAROLINA, SOLANO, CRUZ E SOUSA

VAI SILENCIAR A VOZ DOS FAVELADOS?



Carolina: "Só tive desgosto com a literatura. Mesmo que quisesse voltar a escrever, não poderia. Meus filhos me proibiram".

texto de
Hamilton Trevisan
 e
Astolfo Araújo

Não quero mais escrever. Perdi o ideal, perdi o deslumbramento.

Carolina Maria de Jesus fala sem olhar para nós, ocupada em servir café e bolo de fubá ao casal muito simples que a visita na tarde de domingo. Estamos na cozinha da casa, na chácara que ela comprou em Parelheiros, subúrbio de São Paulo. É uma casa sólida e ampla. Tentamos fazer com que se lembre de nós, das visitas que lhe fizemos no barraco miserável da favela do Canindé, na época em que Audálio Dantas preparava a edição do seu diário. Ela não se recorda, embora por delicadeza acabe fingindo que sim. Quase

20 anos se passaram, os seus livros, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, correram o mundo, traduzidos em 24 línguas. Carolina deixou a favela, viajou bastante, conheceu muita gente, não pode se lembrar. Mesmo assim, aceita conversar e nos leva até a sala.

Ao perguntarmos por que razão desistiu de escrever, ajoelha-se, ergue as mãos para o alto e diz que no Brasil o escritor tem de implorar ao editor para ser publicado. A alegação soa um tanto improcedente no seu caso, o que ela própria parece sentir, invocando outro motivo:

Só tive desgosto com a literatura.

Mesmo que quisesse voltar a escrever, não poderia. Meus filhos me proibiram.

Passa então a falar com entusiasmo dos dois filhos, que deram homens honestos e trabalhadores, e da filha que se casou muito bem, com um rapaz de 20 anos, mas que parece ter 200, de tão educado.

Isso tudo não veio dos livros? é a pergunta inevitável.

A resposta, evasiva: Carolina fala das pressões que sofria toda vez que os jornais noticiavam ter recebido algum dinheiro, os pobres fazendo fila diante de sua casa; da discriminação dos novos vizinhos,

Quando um governo deixa o custo de vida oprimir o seu povo, ele deixou de ser um governo concreto para ser um governo abstrato.

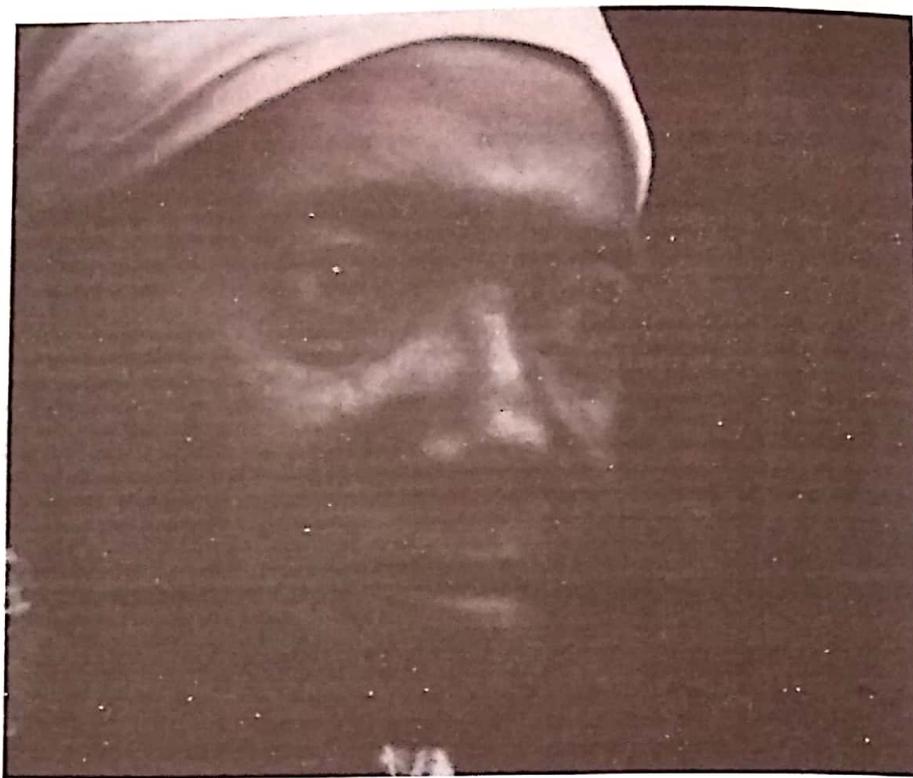
quando se mudou do barraco para uma casa da cidade; de fortunas que deveria ter recebido como direitos autorais e que lhe foram sonegadas. Não faz acusações diretas. Voltamos a mencionar a evidente transformação de suas condições de vida e ela nos dá a impressão de que alguém a convenceu de que foi lesada. Suas queixas, vagas e por vezes mirabolantes (A rainha Fabíola disse que me mandou um dinheiro que dava para comprar metade de Mato Grosso.), visam sobretudo justificar a recusa de escrever em obediência aos filhos. Apesar dos mal-entendidos que a desencantaram, faz questão de elogiar todos os que a ajudaram desde o início: Audálio Dantas (moço bom, de maneiras graciosas, limpo, não bebe), Paulo Dantas, Dr. Lélío, Dona Gladys, Sr. Miller...

Pedimos um conto para publicar na revista. Enquanto tenta localizá-lo nos inúmeros cadernos do seu diário, esquece por um momento o voto de renúncia e fala de um romance que gostaria de escrever sobre a juventude atual. Já escolheu o título: Os Rebeldes. O tema seria a violência dos moços de hoje que parecem guerreiros reencarnados. Revela, ainda, ter dois livros prontos, à espera de editores: Dr. Sílvio, um romance, e Um Brasil para os Brasileiros, memórias da infância vivida em Sacramento, Minas Gerais, onde nasceu em 1915. Entre as recordações, destacam-se os discursos de Rui Barbosa, então em campanha para presidente:

Ele mandava os negros desobedecerem os brancos e estudarem, conta Carolina, pra não ficar uma nação dividida, com uma parte sabendo ler e outra analfabeta.

Incluindo algumas poesias, o livro também descreve a fartura existente nesse tempo: Vovô ganhava 20 mil réis por semana e comprava tudo de saco. As crianças eram gordas, o pão era grande e ficava macio durante três dias.

Ao tocar em seu tema fundamental — a comida hoje ausente da mesa dos pobres — Carolina reassume a objetividade minuciosa que dá força aos seus diários e especifica, alimento por alimento, os pre-



ços acessíveis de antigamente: feijão, dois mil réis o saco, farinha, um mil réis, bacalhau inteiro, mil e quinhentos...

No auge do sucesso, Carolina viajou para o Chile, Uruguai e Argentina. Achou melhor a situação do Brasil: Todos vivem bem aqui, qualquer um pode comprar televisão. Só mora no barraco quem quer, quem cultivava muito o vício.

Essa opinião dá uma imagem acomodada da mulher que viveu e registrou o desamparo e a miséria extrema dos favelados. Será injusto nos fixarmos nela. Calçado no bom senso e numa ética essencialmente cristã, o pensamento real de Carolina, com suas contradições e sua singeleza, encontra-se disperso nos diários e no pequeno volume de provérbios publicado quando ela já era internacionalmente famosa. Entre as exortações à honestidade, à compaixão, à temperança e, principalmente, ao amor ao próximo, ganham realce suas reflexões sobre a realidade social, verdadeiras máximas políticas, como estas:

Se num país os homens que predominarem forem desonestos, este país irá forçosamente ao caos.

A língua do delator é como cactus.

A maior força de um país são os humildes que enfrentam qualquer espécie de trabalho.

O mundo não evolui porque temos muitos gastos supérfluos.

Deus disse: dai de comer aos que têm fome. Advertência aos atacadistas.

Não podemos perseguir o que não podemos destruir. Não é possível destruir raças.

O custo de vida duplicado contribuirá para desenfrear a sanha de perversidade da nossa juventude. Que há de delinquir-se, matando o semelhante para roubar.

Um Governo é um artista exibindo sua arte de governar para o povo; uns aplaudem, outros reprovam.

Antigamente o que oprimia o homem era a palavra Calvário. Atualmente é a palavra salário.

O SÓCRATES AFRICANO

Carolina Maria de Jesus



No ano de 1937 meu avô adoeceu. Ele se queixava de dores nos rins, mas naquela época a medicina estava na sua infância, os que adoeciam não tinham possibilidades para prolongar a sua existência. Os filhos reuniram-se, procurando auxiliar o vovô nos fins de sua estadia aqui na terra.

Várias pessoas iam visitar o enfermo que ficava contente, dizendo: se eles vem me visitar é porque gostam de mim. É que eu soube viver. Não fui mau elemento. Não prejudiquei o próximo.

Ele estava fazendo um exame de consciência para ver se descobria algumas falhas para pedir perdão a Deus. "Se eu fui injusto que Deus perdoe-me."

Já que meu avô estava morrendo, ele era a autoridade suprema naquela casa. Ele falava e nós ouviamos com todo respeito, porque quando o meu avô falava nós aprendíamos algumas coisas com ele porque ele não falava banalidades. Ele dizia: "É tão bom morrer! Mas eu não tenho permissão para vos relatar o que vejo para não lhes gerar confusão mental."

A minha mãe dizia que ele estava delirando. Havia momentos que ele ficava quieto e nós pensávamos: "Ele morreu!" E os netos que eram dez invadíamos o quarto gritando "Não morre vovô! Não morre vovô!"

Se ele estava dormindo, despertava e nos dizia:

— Meus filhos. Já fazem nove anos que estou devendo um rolo de arame para o senhor José Rezende. Ele esqueceu que eu devo, peça-os para pagá-lo. O homem deve ser honesto.

Quando o vovô silenciou-se o meu tio Antônio acendeu uma vela, pegou o cru-

cifixo e pôs nas mãos de vovô. Ele abriu os olhos e disse: "Quando a minha mãe morreu, eu era o filho mais novo e pus a vela nas suas mãos. E agora o Antônio que é o meu filho mais novo pôs a vela nas minhas mãos. Um filho não deve auxiliar o seu pai morrer. Enfim tudo que fazemos, pagamos."

Eu era menina e queria brincar com os primos que eu não conhecia porque eles moravam na roça. Os homens ricos iam visitar o vovô e ficavam horas e horas ouvindo-o falar e saíam dizendo:

— Que preto inteligente. Se este preto scubesse ler poderia ser o nosso Sócrates africano! Mas o Rui Barbosa pôs uma lei no senado pedindo para incluir os negros nas escolas, porque senão vai gerar confusão social, uma classe sabendo ler e a outra ignorante.

Os homens que iam visitar o vovô eram o senhor Manoel Soares, José Afonso, o Dr. José da Cunha. Eram os homens que liam o jornal "O Estado de São Paulo" e sabiam o que ocorria no mundo. E eu pensava: "O que será "Sócrates africano?" Será que eles estão xingando o vovô? O vovô é tão bom, não faz mal a ninguém. Quando morre alguém, ele é quem reza o terço."

Fui perguntar a minha mãe:

— Mãe, o que é Sócrates?

Minha mãe estava nervosa. Respondeu-me:

— Vai amolar outro, vagabunda!

Pensei: ela não quer me explicar. Mas um dia hei de saber o que é Sócrates, porque tudo o que eu presenciava e não entendia eu guardava dentro da minha cabeça para esclarecer posteriormente. Eu compreendia que deveria armazenar as ocorrências na mente.

O vovô chamou a siá Maruca, a mulher que convivia com ele e disse-lhe:

— Maruca, você convive comigo a doze anos. Eu tive apenas duas mulheres na minha vida. A minha esposa e você. Nestes doze anos que você viveu comigo você me respeitou e me ajudou viver porque cuidava de mim. Os profetas diziam que se uma mulher conviver com um homem sete anos, ele tem o direito de desposá-la. Se a senhora não tiver nojo de um homem prestes a ser defunto, eu peço-a.

— Quer casar-se comigo? Pois não senhor Benedito! O prazer é todo meu porque o meu sonho foi ser a sua legítima esposa. Creio que lhe devo inúmeras obrigações, o senhor foi o meu protetor nestes dias que vivi. Eu vou sentir falta do senhor e muitas saudades também.

E o vovô reuniu os filhos e os netos para dizer-lhes que ia casar-se com siá Maruca. E o casamento tinha de ser realizado logo, porque ele poderia morrer de uma hora para outra.

Minha mãe foi procurar o padre Pedro para casar o vovô. E os comentários dominaram a cidade.

— Então eles não eram casados?

A siá Maruca vestiu o vestido novo, penteou os cabelos e calçou os chinelos novos. Quando o padre colocou as mãos cadavéricas do meu avô nas mãos de siá Maruca, ela chorou. E vovô disse-lhe: "Que casamento confuso é este nosso. Porque é de praxe que os que se casam empreendam uma viagem de lua de mel. Mas no nosso casamento eu vou viajar sozinho. Vou viajar para a eternidade.

Uns dormiam, outros ficavam acordados, vigiando o vovô. Que luta! Nós que

desejávamos satisfazer-lhe todos os desejos ficamos apavorados por não saber onde é que estava o meu tio. O "Tiobem". Mas uma vizinha por nome de siá Maria Treme-Treme por causa de suas mãos que tremiam diariamente disse que tinha possibilidades de fazer o "Tiobem" aparecer. Que deveríamos comprar uma peneira virgem e um maço de vela para ela responder com Santo Antônio, que no prazo de sete dias nós íamos saber notícias do Tiobem.

E o vovô pedia para não roubar, que na nossa família não tinha ladrões, que o ladrão não tem valor na sociedade, que eles chegam até a matar o semelhante para roubar, que devíamos ser honestos.

Todos os dias circulava o boato: "O senhor Benedito morreu!"

E a casa superlotava-se de gente. E eu pedia a Deus para não deixar o vovô morrer.

Quando completou os sete dias conforme a siá Maria Treme-Treme havia nos dito, chegou uma carta de São Paulo. Era do meu tio, o "Tiobem", nos relatando que havia sonhado com o vovô e não era possível ir visitá-lo porque estava na penitenciária.

Os tios comentaram: "Então o mano Joaquim está lá em São Paulo! Eu logo vi que ele ia longe! Eu ouvi dizer que lá em São Paulo todos arranjam serviço, que os pobres e os ricos se confundem nos trajes. O homem que não trabalha lá é porque é vadio mesmo. São Paulo é um Estado que dá condição ao seu povo para viver. Não se vê paulistas andarinhos. O único Estado que é pai dos seus filhos é só o Estado de São Paulo.

Já o Estado de Minas é um Estado maduro para nós, porque o homem rico do nosso Estado ainda tem a mentalidade atrasada que guarda o dinheiro debaixo do colchão. O Estado de Minas tem a fama de ser rico, mas é uma riqueza que nós não percebemos. Enfim todos os Estados do Brasil só ficará adiantado se utilizar São Paulo como figurino.

E os tios faziam projetos. "Depois que o papai morrer, eu vou para o Estado de São Paulo e o "Tiobem" há de arranjar serviço para mim na penitenciária.

Foram procurar a Lina, uma preta que sabia ler. Ela leu a carta para o vovô ouvir. E o meu tio Candinho, era o mais falante, resolveu consolar o meu avô, dizendo:

— O senhor pode ficar tranquilo porque o "Tiobem" está muito bem lá em São Paulo, ele está empregado na penitenciária.

O meu avô disse-nos:

— Vocês estão enganados, ele está bem mal. A penitenciária é onde ficam os criminosos. Coitado do meu filho!

Ficou comprovado que a mulher sabia responder. Já estava bem velha e ninguém procurou aprender com ela como é que responde.

Dia 27 de agosto de 1927 o meu avô morreu. Eu ficava olhando o seu corpo gelido dentro do esquife. Já sabia que não mais ia vê-lo. Olhava os seus lábios finos, o seu nariz afilado e a testa larga. Foi o preto mais bonito que eu já vi até hoje. Nós levaríamos o cadáver a pé até o cemitério. Quando eles colocaram o caixão na se-

pultura, eu jurei ao meu avô que havia de saber o que era ser "Sócrates africano" porque eu não queria que ele tivesse um nome impróprio para a sua pessoa. Ele não devia a ninguém. Nunca foi preso. Não brigava com ninguém. Era o meu dever defendê-lo, porque o vovô plantou lavouras para nos criar. O vovô não comprava roupas novas, usava as roupas velhas que os ricos davam. Plantou vários pés de laranjas para nós. Nos levava para catar gabiobas, articum, pitangas e jatobá. Plantou o jaquitope para nós, contava várias histórias. Só depois que ele criou os filhos é que ele morreu.

Eu odiava o senhor José Afonso por dizer que o vovô seria o "Sócrates africano" se soubesse ler. Mas não podia xingá-lo porque ele era o presidente de Sacramento e os que xingavam o presidente ficavam presos um mês. Pensava: se o vovô fosse branco e rico, o senhor José Afonso havia de considerá-lo. Mas o vovô era preto e o preto não é dono do mundo. E fui falar com a minha mãe.

— Mamãe, porque é que Deus não fez diversos mundos. Podia dar um mundo só para os negros e outro só para os brancos. Porque não dá certo viver os pretos e os brancos num mundo só.

Quando aprendi a ler procurei saber o que era Sócrates e deixei de odiar o senhor José Afonso. Quanto ao meu tio que estava na penitenciária não procuramos saber o seu paradeiro. Fiquei feliz em saber que o meu avô morreu ilibado. O seu nome Benedito José da Silva não teve manchas. E tenho orgulho de acrescentar que ele foi o "Sócrates analfabeto."

LIVROS DA VERTENTE POR REEMBOLSO

Desejo receber por reembolso postal os seguintes livros da Vertente:

<input type="checkbox"/> HEMINGWAY PARA CRIANÇAS	Ernest Hemingway	35,00
<input type="checkbox"/> A FESTA	Ivan Angelo	50,00
<input type="checkbox"/> A VARINHA DO CAAPORA (3 vls.)	Antonieta Dias de Moraes	30,00
<input type="checkbox"/> CAMISA-DE-FORÇA	Wladyr Nader	25,00
<input type="checkbox"/> SEM SAHIDA	Zélio	30,00
<input type="checkbox"/> SAPO CURURINHO DA BEIRA DO RIO	Maria Magdalena Lana Gastelois	8,00
<input type="checkbox"/> A ÁRVORE DOS DESEJOS	William Faulkner	25,00
<input type="checkbox"/> BRINQUEDO	Hamilton Trevisan	15,00
<input type="checkbox"/> ESPINHA DORSAL	Wladyr Nader	25,00
<input type="checkbox"/> TARDE DA NOITE	Luiz Vilela	30,00
<input type="checkbox"/> OS CANTOS DE MALDOROR	Lautréamont	35,00
<input type="checkbox"/> ISTO O JORNAL NÃO CONTA	Lourenço Diaféria, Hamilton Trevisan e outros	25,00
<input type="checkbox"/> LIÇÕES DE PÂNICO	Wladyr Nader	25,00

Total de volumes:

Total em Cr\$:

Nome:

Endereço:

Cidade: CEP:

Estado:

Pedidos à

Vertente Editora Ltda. - Rua Monte Alegre, 1434 - Fone: 62-3699 - 05014 - São Paulo (SP)